

 iNDEi
Índice de Ecossistemas de Impacto

Um panorama inédito sobre a prosperidade
da nova economia em 319 municípios brasileiros



Índice de Ecosistemas de Impacto

ÍNDICE DE ECOSSISTEMAS DE IMPACTO

Evidências e estratégias para
o desenvolvimento sustentável dos territórios



Rio de Janeiro (RJ) 2026



SOBRE O ÍNDICE

O **Índice de Ecossistemas de Impacto (INDEI)** é uma iniciativa liderada pelo **Impact Hub Brasil** para fomentar o desenvolvimento sistêmico e a nova economia nos territórios. A metodologia, inspirada no instrumento de avaliação da rede Impact Hub Iberia, foi adaptada e aprimorada por nosso corpo técnico para refletir a complexidade socioeconômica e ambiental brasileira. O estudo consolida-se como uma ferramenta aberta e perene, desenhada para embasar decisões estratégicas e políticas públicas baseadas em evidências.

REALIZAÇÃO

Impact Hub Brasil

COORDENAÇÃO, ESTRATÉGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

Gabriela Werner – Diretora de Inovação
e Presidente do Impact Hub Global

Marisa Freitag – Gerente de Projetos de Inovação

Caio Zucchinalli – Gerente de Projetos de Políticas Públicas
e Inovação em Governo

CORPO TÉCNICO E PESQUISA

Gustavo Simas – Pesquisador Coordenador

Luciana Benetti – Pesquisadora Consultora

Alan Silveira – Pesquisador Consultor

Grasiéle Moraes – Consultora de Dados

Bernardo Medeiros – Consultor

PRODUÇÃO EDITORIAL E BRANDING

Camila Garcia – Estratégia de marca, edição e revisão

Tiago Leoni – Diagramação

Isabelle Freire – Identidade visual

CONTATO E INFORMAÇÕES

impacthub.org.br

contato@impacthub.net

SUMÁRIO

- 06 Parte 1 | A visão: Por que o impacto nos move?**
- 08 O marco zero da nova economia**
- 11 O Brasil na vanguarda do impacto global**

- 13 Parte 2 | O fundamento: a lógica da prosperidade**
- 14 Capítulo 1 | O que define um Ecossistema de Impacto: o território como organismo vivo**
- 18 Capítulo 2 | A diferenciação estratégica: por que o impacto vai além da inovação tradicional**

- 20 Parte 3 | A bússola: como decodificamos os territórios**
- 22 Capítulo 3 | A construção do Índice: como transformamos dados em evidências**
- 24 Capítulo 4 | Os eixos da prosperidade: anatomia da medição**

- 26 Parte 4 | O retrato: o panorama do impacto no Brasil**
- 28 Capítulo 5 | Panorama municipal: a excelência dos ecossistemas locais**
- 34 Capítulo 6 | Panorama estadual: o desempenho das Unidades Federativas**
- 38 Capítulo 7 | Panorama regional: contrastes e vocações do território**
- 42 Capítulo 8 | Panorama das capitais: os faróis da prosperidade**

- 44 Parte 5 | Caminhos para o amanhã**
- 46 Capítulo 9 | Insights e aprendizados: a ciência por trás dos dados**
- 48 Capítulo 10 | Conclusão: o próximo salto da prosperidade**

- 50 Referências Bibliográficas**

- 52 Parte 6 | Suporte técnico e metodológico**
- 54 Capítulo 10 | FAQ: perguntas frequentes**

- 58 Anexo técnico | Dicionário de subgrupos dos indicadores**



PARTE 1

A VISÃO:

Por que o Impacto nos move?



O MARCO ZERO DA NOVA ECONOMIA

Durante anos, o desenvolvimento dos territórios brasileiros foi pautado por métricas que muitas vezes ignoravam a complexidade e as vocações locais. No Impact Hub Brasil, acreditamos que o caminho para uma economia mais justa e sustentável não é único nem universal. Por isso, apresentamos o **Índice de Ecossistemas de Impacto (INDEI)** não como um veredito, mas como um espelho.

Este estudo é uma ferramenta de autoconhecimento. De acordo com os dados coletados de 63 indicadores em 319 municípios, os resultados indicam as condições atuais de cada território para gerar impacto socioambiental positivo. Ao utilizarmos o conceito de **prosperidade** em vez de maturidade, reconhecemos que cada ecossistema possui um ponto de partida único, composto por desafios específicos e, principalmente, por sementes de potencial que aguardam as condições certas para brotar.

É importante ressaltar que, embora o ranking geral seja a porta de entrada para esta análise, a verdadeira riqueza deste material reside nos eixos e indicadores individuais. Convidamos você, leitor, a olhar além das posições. Mesmo nos ecossistemas identificados pelos dados como menos prósperos neste momento, existem alavancas de aprimoramento e oportunidades de regeneração que este diagnóstico ajuda a iluminar.

Nossa intenção é que, ao navegar por estas páginas, você mantenha uma pergunta central em mente: **“Como estas condições afetam a capacidade do ecossistema de gerar impacto positivo?”**. É a intencionalidade que diferencia este índice de qualquer outro.

O INDEI é o nosso presente para o Brasil: um ponto de partida sólido para que gestores, líderes e investidores possam transformar a intenção em estratégia e a potencialidade em prosperidade real.

Boa leitura e bons planos.

Editorial por Licia Mesquita
Presidente do Impact Hub Brasil





O BRASIL NA VANGUARDA DO IMPACTO GLOBAL

Em nossa jornada pela rede global do Impact Hub, presente em mais de 70 países, observamos um movimento irreversível: a transição de uma economia de extração para uma economia de regeneração. No entanto, para que essa mudança ocorra de forma sólida, não podemos mais confiar apenas em modelos genéricos de desenvolvimento. Cada território é um organismo vivo, com vocações e desafios singulares.

O **Índice de Ecossistemas de Impacto (INDEI)** coloca o Brasil em uma posição de destaque nesse debate internacional. Ao optarmos por mensurar a **prosperidade** em vez de estágios lineares de desenvolvimento, enviamos uma mensagem clara: **o progresso real não é um padrão universal a ser copiado, mas uma potencialidade a ser despertada a partir do contexto local.**

De acordo com os dados apresentados, os resultados indicam que a prosperidade de um ecossistema é multifacetada, dependendo de uma engrenagem que une condições econômicas, laços socioculturais e resiliência ambiental. Como uma ferramenta de autoconhecimento, este relatório atua como um espelho para que cada município possa identificar suas **sementes de prosperidade** — mesmo naqueles territórios que os dados apontam como menos prósperos hoje.

“A verdadeira inteligência estratégica deste índice está nas nuances de cada eixo e indicador.”

Convido você a não se deter apenas na classificação geral. **O valor deste estudo está na capacidade de revelar as engrenagens invisíveis que sustentam o desenvolvimento.** Este índice é mais do que um documento técnico. É um convite para liderarmos, juntos, a construção de estratégias que honrem as potencialidades do Brasil e transformem dados em ecossistemas de regeneração.

Bons insights.

Prefácio por Gabriela Werner
Presidente do Impact Hub Global



PARTE 2

O FUNDAMENTO:
a lógica da prosperidade



CAPÍTULO 1

O que define um Ecossistema de Impacto: o território como organismo vivo

Sistemas adaptativos e o florescimento local

O termo “**ecossistema**”, originalmente cunhado no campo da biologia em 1935, descreve uma comunidade de organismos vivos em conjunto com os componentes não vivos de seu ambiente, interagindo como um **sistema adaptativo**. Ao longo do tempo, esta concepção transcendeu suas raízes biológicas para fundamentar a análise de sistemas sociais e econômicos complexos. A transição deste conceito para o ambiente corporativo, popularizada nos anos 90, define um ecossistema como uma comunidade econômica de organizações e indivíduos que interagem, englobando clientes, fornecedores, produtores e outras **partes interessadas (stakeholders)**.

Na abordagem proposta para este estudo, utilizamos a definição de **Granstrand e Holgersson (2020)**:

“Um ecossistema é o conjunto em evolução de atores, atividades e artefatos, e as instituições e relações, incluindo relações complementares e substitutivas, que são importantes para o desempenho de um ator ou de uma população de atores”.

A essência de um ecossistema reside fundamentalmente nas relações, interdependências e fluxos que conectam seus componentes. Trata-se de um sistema dinâmico e adaptativo, em que **a saúde e a resiliência do todo superam a soma de suas partes**. Assim, as características definidoras de ecossistemas são a complexidade, a não-linearidade e a capacidade de gerar **propriedades emergentes**: resultados e comportamentos que não podem ser previstos pela análise isolada de elementos individuais.

De acordo com o modelo deste índice, entender um ecossistema exige mapear tanto os atores presentes quanto a forma como eles colaboram e coevoluem. No contexto do impacto, essa definição ganha camadas adicionais de propósito. Os resultados indicam que um ecossistema de impacto é um ambiente vivo e relacional, no qual múltiplos atores — públicos, privados, acadêmicos e da sociedade civil — interagem em torno de uma **intenção comum**: gerar **valor socioambiental positivo** de forma **intencional e mensurável**.

Nesta análise, a verdadeira força de um ecossistema de impacto está na qualidade das relações e nos fluxos de conhecimento, recursos e propósito que ali se estabelecem. É nesse entrelaçamento que se constroem as condições para a **prosperidade coletiva**, quando territórios se reconhecem como corresponsáveis por um futuro justo e sustentável.

Segundo os dados analisados, a “prosperidade” é compreendida como a capacidade dos ecossistemas de promover **transformações duradouras**. Ela abrange tanto os resultados gerados quanto as condições estruturais que sustentam a vitalidade do sistema — como **diversidade, conectividade e fluidez**. Prosperidade, aqui, não se resume ao crescimento econômico; refere-se ao quanto um ecossistema amplia as **capacidades locais** e atua sobre o próprio contexto.

Como cada território carrega uma combinação específica de história e recursos, **este relatório não tem a intenção de emitir juízos estáticos de valor**. O que os resultados indicam é um **espelho analítico**: uma ferramenta que ilumina tanto as potencialidades quanto as lacunas, revelando **sementes de prosperidade** já presentes e caminhos possíveis para o florescimento do impacto. Este índice é um convite à **reflexão estratégica** e à escuta atenta dos territórios. Escutar o ecossistema é o primeiro passo para fortalecê-lo.



O propósito como motor do sistema

Conforme apresentado, um **ecossistema de impacto (Elmp)** é uma especialização do conceito de ecossistema, caracterizado por uma **intencionalidade coletiva fundamental: a geração de resultados socioambientais positivos**, mensuráveis e sustentáveis, em harmonia com a viabilidade econômica.

De acordo com o modelo proposto, o ecossistema não possui uma escala pré-determinada. Seu nível territorial pode ser **municipal, estadual ou regional**. Os resultados indicam um fenômeno de **aninhamento ecossistêmico**: ecossistemas municipais integram sistemas estaduais maiores, mantendo uma interdependência contextual, embora as condições de um nível não se repliquem obrigatoriamente no outro. Isso significa que **cada município mantém suas vocações e desafios singulares**, independentemente da performance do estado ao qual pertence.

Mais do que um agrupamento de atores, trata-se de um **sistema dinâmico e relacional**. Esta abordagem compreende que a **prosperidade** não emerge de esforços isolados, mas da **interação coordenada** entre poder público, setor privado, academia e sociedade civil, que colaboram em torno de uma visão comum de transformação. Como cada território é moldado por seu próprio contexto histórico e cultural, os dados reforçam a importância de uma **análise contextualizada** da formação de cada Elmp.

Neste índice, ao analisar a **prosperidade dos ecossistemas**, buscamos atuar como um **espelho analítico**. O objetivo não é apenas identificar os elementos presentes, mas sim como eles se conectam para gerar impacto duradouro. A partir desta lente estratégica, cada território pode reconhecer suas próprias **alavancas de transformação** e cultivar as **sementes de prosperidade** já plantadas em seu solo, promovendo um desenvolvimento que seja verdadeiramente coletiva e regenerativa.



CAPÍTULO 2

A diferenciação estratégica: por que o impacto vai além da inovação tradicional

Além da inovação: o horizonte da regeneração

De acordo com o modelo conceitual adotado, enquanto ecossistemas orientados estritamente à inovação podem ter o lucro como principal motor, um **Ecossistema de Impacto** direciona seus fluxos e atividades para a **solução de desafios complexos da sociedade**. Os resultados indicam um alinhamento ao **tripé da sustentabilidade** (triple bottom line): o equilíbrio intencional entre os capitais **social, ambiental e financeiro**.



Diagrama de Venn do Tripé da Sustentabilidade

Segundo os dados analisados, os atores deste ecossistema compõem uma rede diversificada. Para além de empresas e investidores, o modelo integra organizações da sociedade civil, academia e órgãos governamentais. Trata-se da abordagem de **quatro hélices** (iniciativa privada, governo, academia e sociedade civil organizada), cuja atuação visa a **prosperidade** das pessoas e do planeta de forma integrada ao retorno econômico.

Os resultados sugerem que os fluxos que nutrem este sistema abrangem capital financeiro, conhecimento e valores compartilhados. A **prosperidade** de um Ecossistema de Impacto é avaliada, portanto, por sua capacidade de converter o potencial de seus dinamizadores (atores e atividades) em **progresso sociocultural, regeneração ambiental e capital econômico** de forma efetiva.

Nesse contexto, os resultados indicam que a dinâmica dos atores se diferencia pela inclusão de:

- **Empreendedores e empresas (NIS)** com foco em impacto socioambiental;
- **Investidores sociais e financeiros** alinhados a critérios de impacto (como frameworks ESG);
- **Organizações da sociedade civil** e movimentos comunitários;
- **Fundações, institutos de pesquisa e universidades**;
- **Aceleradoras e redes de apoio** com orientação para impacto;
- **Cooperativas e associações territoriais**;
- **Órgãos governamentais e agências públicas** com atuação em políticas sociais e ambientais.

Essa configuração segue a lógica da **colaboração intersetorial**, atuando pelo **bem-estar coletivo** e pela **regeneração do território**. Por isso, a **prosperidade** é analisada sob uma lente abrangente, servindo como um **espelho analítico** da capacidade do ecossistema de gerar soluções sustentáveis e transformadoras para a localidade em que se insere.





PARTE 3

A BÚSSOLA:

**como decodificamos
os territórios**



CAPÍTULO 3

A construção do índice: como transformamos dados em evidências

Por que medir a prosperidade dos territórios?

De acordo com o modelo proposto, o processo de medição cumpre propósitos fundamentais para o fortalecimento dos ecossistemas. A máxima — frequentemente atribuída aos professores William Edwards Deming ou Peter Drucker — de que “**o que não se mede, não se gerencia**” ganha contornos ainda mais relevantes em sistemas complexos. Um índice robusto funciona como um **espelho analítico**, revelando com nitidez **as potencialidades e os gargalos estruturais de um território**. De acordo com os dados, ele permite identificar assimetrias de forma objetiva, questionando se a oferta de capital atende às necessidades dos empreendimentos, se os talentos formados se conectam com as demandas reais e se o ambiente regulatório é favorável. Os resultados indicam que, a partir desse diagnóstico, é possível desenhar intervenções mais eficazes e fomentar políticas públicas orientadas por evidências.

Além da clareza estratégica, a mensuração confere **tangibilidade** a um campo muitas vezes percebido como fragmentado. Ao estruturar os dados em torno de indicadores nítidos e comparáveis, o índice contribui para posicionar o ecossistema de impacto como um **ator relevante no desenvolvimento socioeconômico**. Esse processo fornece uma linguagem comum que facilita o diálogo entre investidores, poder público e sociedade civil, ampliando **a legitimidade e a influência** do setor nas decisões de investimento e planejamento regional.

A possibilidade de comparar sistematicamente diferentes localidades cria **referências (benchmarks)** que estimulam o aprendizado entre pares. Ecossistemas identificados pelos dados como menos prósperos neste momento podem se inspirar em práticas daqueles que apresentam resultados específicos em determinados eixos. Mais do que uma competição por posições, trata-se de uma **ferramenta de colaboração estratégica**, que permite identificar modelos replicáveis, fomentar redes de troca e acelerar trajetórias de transformação local.

Por fim, ecossistemas que demonstram vitalidade e **intencionalidade** por meio de indicadores concretos tornam-se naturalmente mais atrativos para o capital de impacto e para talentos que buscam propósito. A atualização periódica do índice permite acompanhar a evolução ao longo do tempo, funcionando como um **sistema de monitoramento coletivo**. É, em última instância, um instrumento para que lideranças e comunidades avaliem se os esforços implementados estão, de fato, resultando em maior prosperidade e impacto socioambiental.

Como decodificamos a prosperidade: o rigor por trás do índice

Medir um Ecossistema de Impacto exige intenção, estrutura e escuta profunda dos territórios. O índice integra diferentes dimensões e torna-se uma ferramenta viva, capaz de orientar políticas públicas, alinhar esforços institucionais e catalisar transformações significativas no tecido social, econômico e ambiental.

A construção do INDEI está ancorada em quatro pilares fundamentais, que garantem a integridade e a utilidade estratégica do diagnóstico:

1. O desenho do Modelo Teórico

O primeiro passo consiste em definir um arcabouço conceitual que desdobre o ecossistema em dimensões coerentes. De acordo com os dados, optamos por estruturar a análise em **três grandes eixos integradores (Econômico-Empresarial, Sociocultural e Ambiental)** subdivididos em **subgrupos temáticos** como **densidade de talentos, fluidez financeira, conectividade em rede e qualidade ambiental**. Este modelo funciona como o esqueleto lógico do índice, assegurando que a medição capture tanto as condições estruturais quanto os resultados efetivos de cada localidade.

2. A seleção de Indicadores-Chave

Como conceitos como “colaboração” ou “resiliência” não são medidos de forma direta, houve a necessidade de identificar indicadores representativos. A seleção segue critérios rigorosos: utilização de **fontes públicas e oficiais**, periodicidade de **atualização regular e granularidade municipal**. O conjunto busca o equilíbrio entre as **Condições (input)**, como infraestrutura e recursos disponíveis, e os **Retornos (output)**, que são os resultados observáveis na vida do cidadão e na saúde do território.

3. Normalização e agregação

Para garantir a comparabilidade entre municípios de diferentes portes e realidades, os dados são submetidos a um **processo de normalização**, convertendo diferentes unidades (taxas, porcentagens, valores reais) para uma **escala comum de 0 a 100**. Após essa padronização, os indicadores são agregados hierarquicamente, permitindo que o gestor visualize o desempenho tanto em detalhes específicos quanto em uma síntese geral.

4. Análise e interpretação estratégica

O número final atribuído a cada território é uma síntese analítica, útil como referência, mas a verdadeira riqueza do índice reside na exploração de suas camadas subjacentes. De acordo com o modelo, o objetivo é identificar quais dimensões impulsionam a prosperidade e onde estão os desequilíbrios críticos ou as **sementes de prosperidade**. Mais do que um fim em si mesmo, **o índice é um ponto de partida para o diálogo e para a ação coletiva orientada por dados**.

CAPÍTULO 4

Os eixos da prosperidade: anatomia da medição

Decodificar a realidade de 319 municípios brasileiros sob a lente do impacto é um exercício de alta complexidade técnica e sensibilidade territorial. Por trás dos resultados apresentados neste relatório, existe um arcabouço metodológico rigoroso, ancorado em 63 indicadores e 20 subgrupos temáticos.

Para garantir uma experiência de leitura fluida e estratégica, apresentamos abaixo uma **síntese da lógica** que sustenta o INDEI. Este resumo foca nas alavancas de desenvolvimento que cada dimensão representa. O detalhamento técnico completo, com a definição de cada indicador e os critérios de avaliação, pode ser consultado no **Anexo Técnico**, ao final deste material.

1. Eixo econômico: a vitalidade financeira encontra o propósito coletivo

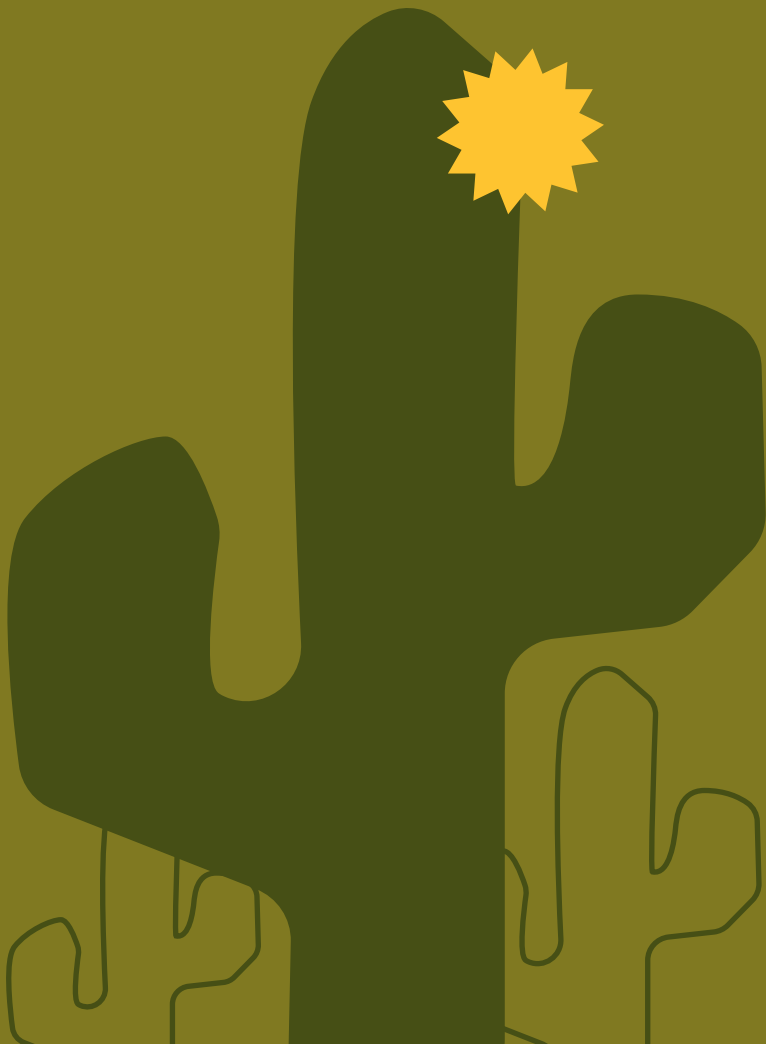
Este eixo avalia a capacidade do território de gerar riqueza e sustentar um ambiente de negócios vibrante. Mais do que medir o crescimento isolado, ele observa a **fluidez do capital**, a **conectividade das redes** e como essa força econômica se converte em uma **economia de impacto** capaz de distribuir prosperidade de forma justa e sustentável.

2. Eixo sociocultural: o talento e a coesão social constroem o futuro.

Focado no bem-estar e no capital social, este eixo analisa as condições que permitem o florescimento da população. Através da densidade de talentos, do acesso à cultura e da qualidade de vida, medimos o vigor da sociedade civil. Um território próspero é aquele que cultiva cidadãos saudáveis e engajados — o pilar essencial para qualquer inovação duradoura.

3. Eixo ambiental: a inteligência produtiva respeita os limites da vida.

Ancorado na premissa de que não há prosperidade sem sustentabilidade, este eixo monitora a relação entre o desenvolvimento humano e os recursos naturais. Avaliamos a transição para uma economia verde, o consumo responsável e a preservação dos ecossistemas. É o termômetro que garante que a busca por progresso esteja alinhada à regeneração do planeta.





PARTE 4

O RETRATO:

**o panorama do
Impacto no Brasil**



CAPÍTULO 5

Panorama municipal: a excelência dos ecossistemas locais

A interpretação dos dados a seguir exige um olhar cauteloso e sistêmico. De acordo com o modelo do INDEI, os resultados não devem ser lidos como uma competição fragmentada, mas como uma **sistematização inédita** do desempenho de 319 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes. Este recorte populacional foi definido para assegurar a consistência técnica na coleta de indicadores nacionais comparáveis.

Os destaques apresentados a seguir revelam **vocações específicas** e **ilhas de excelência**. Para os territórios que não figuram nestes recortes iniciais, os dados atuam como um **espelho analítico**, permitindo identificar as **sementes de prosperidade** que podem ser estimuladas para elevar a capacidade do ecossistema de gerar impacto socioambiental positivo.

O Mapa da amostra: municípios avaliados

Para garantir o rigor estatístico, o INDEI baseou-se nos dados do Censo IBGE 2022. Os resultados indicam uma predominância da região Sudeste (149 cidades), refletindo a densidade de urbanização histórica do território, seguida pelo Nordeste (64), Sul (55), Norte (26) e Centro-Oeste (25).

Por que medir a prosperidade dos territórios?

A análise dos dez ecossistemas municipais mais prósperos revela padrões distintos de eficiência e ativos econômicos. De acordo com os dados, a liderança de **São Caetano do Sul (SP)** ilustra o desempenho do modelo de “cidade-estado” compacta, que maximiza a entrega de serviços e a densidade de oportunidades em uma área geográfica reduzida.

Logo na sequência, as capitais costeiras **Florianópolis (SC)** e **Vitória (ES)**, juntamente com **Curitiba (PR)**, consolidam a tese de que cidades com forte vocação para inovação e qualidade de vida conseguem equilibrar os três eixos do índice de forma orgânica.

Os resultados também indicam a força da potência financeira e da integração metropolitana em cidades como **Maricá (RJ)**, **Nova Lima (MG)** e **Barueri (SP)**. Enquanto Maricá exemplifica como recursos de royalties podem transbordar para o desenvolvimento local, Nova Lima e Barueri capitalizam sua posição como polos de atração de sedes corporativas e investimentos privados.

Por fim, a presença de **Erechim (RS)**, **Lavras (MG)** e **Botucatu (SP)** sinaliza a descentralização da inteligência de impacto para o interior, impulsionada pelo vetor educacional e pelo modelo cooperativista.

TABELA 1

Panorama Geral: os 10 municípios com maior índice de Prosperidade

POSIÇÃO	MUNICÍPIO	ESTADO	NOTA FINAL
01º	São Caetano do Sul	SP 	4,34
02º	Florianópolis	SC 	4,28
03º	Vitória	ES 	4,25
04º	Maricá	RJ 	4,20
05º	Nova Lima	MG 	4,12
06º	Curitiba	PR 	4,06
07º	Barueri	SP 	4,05
08º	Erechim	RS 	4,03
09º	Lavras	MG 	4,01
10º	Botucatu	SP 	4,00

Legenda:

Os resultados indicam os municípios que apresentam o maior equilíbrio sistêmico entre os eixos econômico-empresarial, sociocultural e ambiental, servindo como referências de impacto no território brasileiro de acordo com o modelo INDEI.

Destaques por eixo: como o Impacto floresce

1. Eixo econômico-empresarial

Neste eixo, os resultados sugerem uma dominação de municípios com infraestrutura estratégica e forte arrecadação. A liderança de Maricá reflete o ciclo de bonança fiscal, enquanto São Caetano do Sul e Barueri funcionam como enclaves corporativos robustos.

- **Semente de Prosperidade:** A maior fortaleza média dos ecossistemas está na Diversidade Econômica (EC2), impulsionada pela capilaridade das Organizações da Sociedade Civil (OSCs).
- **Ponto de Atenção:** O desempenho mais crítico foi observado na Conectividade Empresarial (EC3), indicando que a infraestrutura tecnológica formal ainda é um desafio a ser superado para escalar o impacto.

TABELA 2

Panorama econômico: os 10 municípios com maior índice de prosperidade no eixo

POSIÇÃO	MUNICÍPIO	ESTADO	NOTA FINAL
01º	Maricá	RJ 	4,94
02º	São Caetano do Sul	SP 	4,69
03º	Barueri	SP 	4,51
04º	Florianópolis	SC 	4,39
05º	Paulínia	SP 	4,31
06º	Itajaí	SC 	4,26
07º	Vitória	ES 	4,10
08º	Palmas	TO 	4,07
09º	Altibaia	SP 	3,93
10º	Nova Lima	MG 	3,86

Legenda:

Destaque para os municípios com maior densidade, diversidade e conectividade econômica-empresarial, além de robustez no mercado de trabalho e distribuição de riqueza.

2. Eixo Sociocultural

Aqui, observa-se o fenômeno da descentralização. Cidades médias superaram metrópoles em engajamento e densidade de talentos. A liderança de Patos (PB) ancora-se em sua força como polo universitário e cultural regional.

- **Semente de Prosperidade:** O subgrupo Qualidade/Alegria de Vida (SOC6) obteve a melhor performance média, refletindo redes de proteção social e bem-estar em consolidação.
- **Ponto de Atenção:** A fragilidade reside na Infraestrutura Cultural (SOC1), evidenciando que a vibrante produção artística brasileira ainda carece de formalização econômica.

TABELA 3

Panorama sociocultural: os 10 municípios com maior Índice de Prosperidade no eixo

POSIÇÃO	MUNICÍPIO	ESTADO	NOTA FINAL
01º	Patos	PB 	4,98
02º	Muriae	MG 	4,96
03º	Vitória	ES 	4,95
04º	Nova Lima	MG 	4,85
05º	Florianópolis	SC 	4,85
06º	Brasília	DF 	4,80
07º	Curitiba	PR 	4,74
08º	Itabira	MG 	4,70
09º	Porto Alegre	RS 	4,63
10º	Garanhuns	PE 	4,63

Legenda:

Destaque para os territórios com maior densidade de talentos, vitalidade sociocultural, engajamento cívico e qualidade de vida da população.

3. Eixo Ambiental

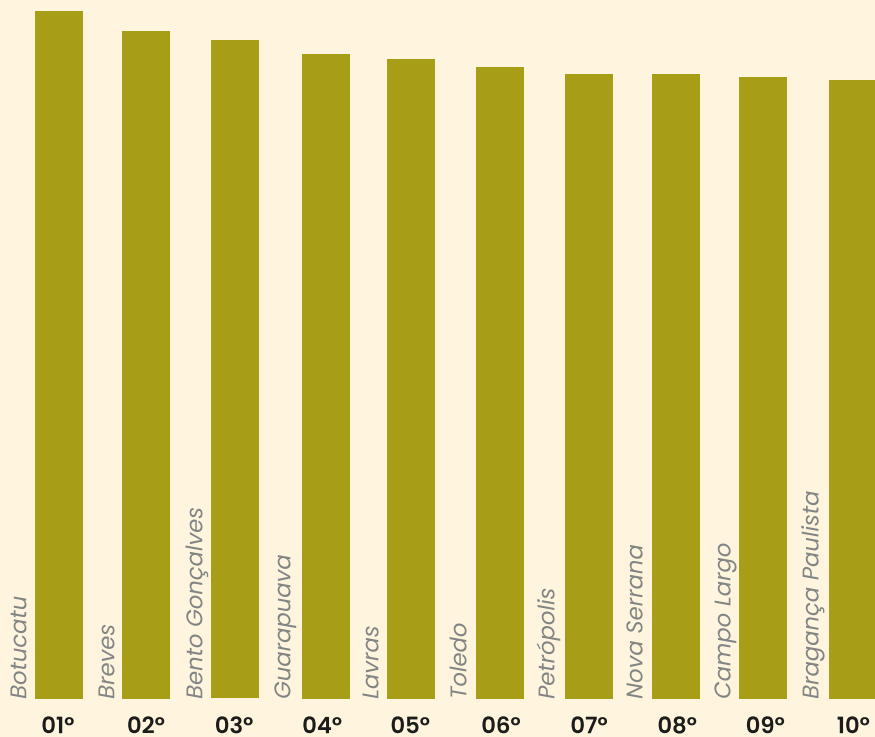
Os dados valorizam municípios que aliam preservação a uma gestão eficiente, como Botucatu (SP). O índice revela uma dualidade positiva entre cidades com vasta cobertura vegetal nativa (como Breves, PA) e municípios que integram planejamento urbano e sustentabilidade (como Bento Gonçalves, RS).

- **Semente de Prosperidade:** A Qualidade do Ambiente (MED5) destaca-se pelo cumprimento de metas básicas de saneamento e arborização.
- **Ponto de Atenção:** Municípios de vocação estritamente urbana enfrentam desafios na Densidade da Economia Rural (MED1), subgrupo que favorece ecossistemas com forte integração agrária.

TABELA 4
Panorama Ambiental: Os 10 Municípios com maior índice de prosperidade no eixo

POSIÇÃO	MUNICÍPIO	ESTADO	NOTA FINAL
01º	Botucatu	SP 	4,69
02º	Breves	PA 	4,56
03º	Bento Gonçalves	RS 	4,50
04º	Guarapuava	PR 	4,40
05º	Lavras	MG 	4,37
06º	Toledo	PR 	4,31
07º	Petrópolis	RJ 	4,27
08º	Nova Serrana	MG 	4,26
09º	Campo Largo	PR 	4,25
10º	Bragança Paulista	SP 	4,23

Legenda:
Destaque para os ecossistemas que equilibram a economia rural e verde com a preservação de ativos naturais e a gestão eficiente de recursos e resíduos.



CAPÍTULO 6

Panorama estadual: o desempenho das Unidades Federativas

A seção a seguir apresenta o panorama consolidado do INDEI por Unidade Federativa (UF). De acordo com o modelo proposto, o processo de agregação dos dados em nível estadual inevitavelmente dilui a riqueza de detalhes observada na escala municipal. Os resultados indicam uma informação média de realidades locais distintas, o que exige uma interpretação cautelosa. Esta análise macroscópica funciona como um ponto de partida para que as gestões estaduais identifiquem vocações regionais e bolsões de oportunidade.

Com nota 3,98, o **Distrito Federal posiciona-se no topo do panorama geral**. De acordo com os dados, sua natureza de “cidade-estado” planejada lhe confere vantagens estruturais únicas em termos de gestão e infraestrutura. Um ponto de destaque é a vice-liderança ocupada pelo **Tocantins** (3,65) e a presença da **Paraíba** (3,45) no Top 10, desempenhos que, segundo os resultados, desafiam a lógica puramente financeira ao superarem potências econômicas tradicionais.

Este fenômeno corrobora a tese de que o desenvolvimento de ecossistemas de impacto não é linearmente dependente do PIB. Unidades Federativas com economias menores conseguem, muitas vezes, articular **redes de proteção social** e dinâmicas comunitárias mais coesas. Além disso, a **consistência de Santa Catarina** (3,63) reflete um modelo de desenvolvimento descentralizado e distribuído. É importante notar que a média estadual pode sinalizar desafios para estados heterogêneos, onde ilhas de excelência são estatisticamente equilibradas por regiões com maiores gargalos estruturais.



TABELA 5

Panorama geral: as 10 Unidades Federativas com maior Índice de Prosperidade

POSIÇÃO	UNIDADE FEDERATIVA		VALOR FINAL INDEI
01º	Distrito Federal		3,98
02º	Tocantins		3,65
03º	Santa Catarina		3,63
04º	Espírito Santo		3,53
05º	Minas Gerais		3,50
06º	Paraná		3,46
07º	Paraíba		3,45
08º	São Paulo		3,43
09º	Mato Grosso do Sul		3,36
10º	Ceará		3,36

Legenda:

Os resultados indicam as Unidades Federativas que apresentam o maior equilíbrio médio entre as dimensões de impacto, servindo como referências para o desenvolvimento de políticas públicas regionais integradas de acordo com o modelo INDEI.

Análise por eixos: as nuances da prosperidade estadual

1. Eixo econômico-empresarial

No recorte econômico, observa-se uma correlação mais direta com a infraestrutura logística e o dinamismo de setores como o agronegócio e serviços. A **posição de destaque de Santa Catarina (3,60) e do Tocantins (3,58)** indica uma valorização tanto da diversidade industrial do Sul quanto da densidade econômica impulsionada pela fronteira agrícola. De acordo com os dados, o desempenho de grandes centros financeiros reforça que a concentração de riqueza não garante, por si só, uma distribuição equitativa de oportunidades ou densidade de OSCs em todo o território estadual. Os resultados sugerem que estados com menores índices de prosperidade econômica neste momento podem encontrar sementes de prosperidade em políticas de fomento regionalmente direcionadas.

2. Eixo Sociocultural

Este eixo subverte a hierarquia econômica tradicional. Embora o **Distrito Federal (4,80)** lidere, os resultados chamam a atenção para a performance de estados como **Piauí (4,21)**, **Tocantins (4,23)** e **Paraíba (4,15)**. Estas regiões apresentam redes de participação e densidade de instituições (proporcional à população) bastante vibrantes. Os dados indicam que a “alegria de vida” e a infraestrutura cívica não dependem exclusivamente da riqueza monetária, validando a importância do engajamento comunitário na construção da prosperidade.

3. Eixo Ambiental

A análise ambiental apresenta os contrastes mais complexos. O **Distrito Federal (3,93)** e o **Paraná (3,77)** posicionam-se à frente, sustentados por planejamento urbano e gestão de resíduos. Os resultados indicam uma dicotomia na região Norte: enquanto o **Amazonas (3,46)** pontua positivamente pela vasta cobertura vegetal, outras unidades enfrentam desafios em indicadores de saneamento básico e pressões de desmatamento. A análise sugere a necessidade de dissociar a simples presença de ativos naturais da capacidade efetiva de gestão ambiental pública, orientando esforços para a infraestrutura urbana sustentável.



TABELA 6

Panorama por Eixos: Desempenho das 10 UFs com maior Índice de Prosperidade

UNIDADE FEDERATIVA		ECONÔMICO	SOCIOCULTURAL	AMBIENTAL
Distrito Federal		3,22	4,80	3,93
Tocantins		3,58	4,23	3,16
Santa Catarina		3,60	3,82	3,47
Espírito Santo		3,20	3,86	3,54
Minas Gerais		3,22	3,84	3,45
Paraná		3,19	3,43	3,77
Paraíba		2,93	4,15	3,27
São Paulo		3,25	3,45	3,58
Mato Grosso do Sul		3,14	3,65	3,31
Ceará		2,80	3,96	3,32

Legenda:

Detalhamento do desempenho das Unidades Federativas líderes nos eixos Econômico-Empresarial, Sociocultural e Ambiental, revelando as vocações específicas e as potencialidades latentes de cada território em nível estadual.



CAPÍTULO 7

Panorama regional: contrastes e vocações do território

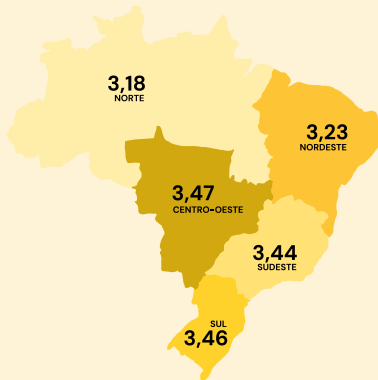
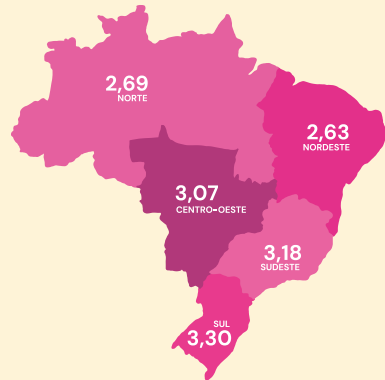
A análise por regiões geográficas oferece uma visão macroscópica do ecossistema nacional. Enquanto os recortes anteriores revelaram “ilhas de excelência” e a força de gestões específicas, o panorama regional expõe o estado atual em macronível. De acordo com o modelo proposto, é neste nível que se percebe a dicotomia entre infraestrutura instalada e capital humano, evidenciando a necessidade de políticas de impacto que considerem as vocações de cada território, evitando fórmulas genéricas para contextos distintos.

TABELA 7 (MAPA DE CALOR)

Panorama regional: Índices médios por Grande Região

REGIÃO	PANORAMA GERAL	ECONÔMICO	SOCIOCULTURAL	AMBIENTAL
Centro-Oeste	3,47	3,07	3,92	3,43
Sul	3,46	3,30	3,53	3,55
Sudeste	3,44	3,18	3,63	3,50
Nordeste	3,23	2,63	3,86	3,20
Norte	3,18	2,69	3,80	3,06

Legenda:
Detalhamento do desempenho das Unidades Federativas líderes nos eixos Econômico-Empresarial, Sociocultural e Ambiental, revelando as vocações específicas e as potencialidades latentes de cada território em nível estadual.

PANORAMA GERAL**ECONÔMICO****SOCIOCULTURAL****AMBIENTAL****Legenda:**

Representação em gráfico da Tabela 7 (Mapa de Calor): Panorama regional: Índices médios por Grande Região ao lado.

Análise por eixos: a inversão da Prosperidade

1. Eixo econômico-empresarial

Neste eixo, o INDEI sinaliza a persistência de assimetrias regionais históricas na concentração de riqueza e infraestrutura. De acordo com os dados, o **Sul** (3,30) apresenta maior prosperidade, impulsionado por uma industrialização descentralizada, seguido pelo Sudeste (3,18) e Centro-Oeste (3,07). As regiões Norte e Nordeste apresentam menores indicadores neste quesito, refletindo desafios em densidade empresarial formal e infraestrutura logística. Os resultados sugerem que o abismo em termos de “músculo financeiro” permanece como um gargalo para a equidade do ecossistema nacional de impacto.

2. Eixo Sociocultural

É nesta dimensão que ocorre a principal inversão do índice. De acordo com os resultados, o **Centro-Oeste** (3,92) e o **Nordeste** (3,86) assumem a liderança, superando as regiões economicamente dominantes. O Norte (3,80) também apresenta performance notável. Este fenômeno reforça a hipótese de que territórios com menores rendas per capita muitas vezes preservam redes de proteção, participação e laços comunitários mais vibrantes. Os resultados indicam que a urbanização acelerada e a lógica de mercado no Sul e Sudeste podem, por vezes, distanciar o ecossistema das dimensões de engajamento e bem-estar sociocultural.

3. Eixo Ambiental

O eixo ambiental retoma a correlação com a gestão urbana e infraestrutura de base. O **Sul** (3,55) e o **Sudeste** (3,50) apresentam maior prosperidade neste eixo, de acordo com os dados de tratamento de efluentes, acesso à água potável e gestão de resíduos (ODS 6 e 11). Em contrapartida, a região **Norte** (3,06) apresenta o cenário mais desafiador. Os resultados evidenciam que, sob a ótica do INDEI, a presença de vasta biodiversidade não compensa a precariedade da infraestrutura urbana. A análise sugere que a preservação da floresta deve caminhar junto com a capacidade de gestão ambiental nas cidades amazônicas.

Nota metodológica e cultural

A leitura dos dados, especialmente no Eixo Ambiental, exige o cuidado de evitar uma lente exclusivamente hegemônica. A ausência de infraestrutura sanitária convencional não é sinônimo absoluto de baixa qualidade de vida para todas as comunidades. Povos originários e populações tradicionais quilombolas frequentemente habitam territórios integrados à natureza cujos modos de existência transcendem a régua da infraestrutura urbana ocidental. Segundo pensadores como Ailton Krenak, a percepção de bem-estar nestes contextos deve ser respeitada em sua singularidade, evitando que o dado técnico penalize modos de vida ancestrais.



CAPÍTULO 8

Panorama das capitais: os faróis da prosperidade

As capitais brasileiras funcionam como polos estratégicos de infraestrutura, capital humano e decisão política. O INDEI apresenta a seguir os ecossistemas que mais se destacam entre as 27 capitais das Unidades Federativas, evidenciando como esses centros de convergência equilibram a geração de riqueza com a resiliência socioambiental. De acordo com os dados, observa-se um grupo de cidades que aliam planejamento urbano e vocação tecnológica como referências de impacto, com destaque para **Florianópolis, Vitória e Curitiba**.

A análise individualizada revela que **Brasília** sustenta uma posição de destaque amparada pelo Eixo Sociocultural e pela qualidade ambiental. Os resultados indicam que o modelo de setorização da capital federal oferece uma organização territorial mais próspera quando comparada à média das grandes metrópoles brasileiras.

No grupo de capitais em evidência, **São Paulo** ilustra o desafio das externalidades em megacidades. Embora seja o coração econômico do país, a capital paulista apresenta indicadores menos prósperos no Eixo Ambiental, onde desafios logísticos e de saneamento equilibram o vigor dos seus indicadores econômicos.

Fenômeno semelhante é observado em outros grandes centros, como o **Rio de Janeiro**, que apresenta um Eixo Sociocultural próspero, mas uma nota econômica que, de acordo com o modelo, sugere a necessidade de maior diversidade setorial e inclusão empresarial na base.

Um fenômeno relevante para a gestão pública ocorre em capitais como **Teresina, Recife e Fortaleza**. De acordo com os dados, estas cidades apresentam indicadores socioculturais elevados — com Teresina e Recife rivalizando com capitais do Sul —, mas enfrentam gargalos nos eixos ambiental e econômico. Os resultados sugerem que estes ecossistemas possuem uma alta potência humana e vibrante vida comunitária operando sobre infraestruturas que ainda demandam investimentos estruturais em saneamento e gestão de resíduos.

Por fim, o INDEI aponta o caso de **Belém** como uma oportunidade estratégica de aprimoramento. Embora a capital paraense possua um capital sociocultural robusto, os indicadores sugerem que o fortalecimento do seu ecossistema depende criticamente da evolução da infraestrutura sanitária urbana para acompanhar sua relevância internacional.

Dessa forma, o panorama das capitais desconstrói a ideia de que a prosperidade segue exclusivamente o fluxo financeiro. Os resultados indicam que a gestão do território e a qualidade das redes sociais são os verdadeiros motores de resiliência. O futuro da prosperidade urbana no Brasil parece estar vinculado à capacidade das capitais de equilibrar a densidade econômica com a preservação de laços humanos e a regeneração ambiental.

TABELA 8
Panorama das capitais:
desempenho dos 10 Ecosystemas
com maior Índice de Prosperidade

MUNICÍPIO	PANORAMA GERAL	ECONÔMICO	SOCIOCULTURAL	AMBIENTAL
Florianópolis	4,28	4,39	4,85	3,60
Vitória	4,25	4,10	4,95	3,70
Curitiba	4,06	3,79	4,74	3,66
Brasília	3,98	3,22	4,80	3,93
Palmas	3,97	4,07	4,33	3,51
São Paulo	3,88	3,64	4,48	3,52
Porto Alegre	3,87	3,55	4,63	3,42
Belo Horizonte	3,73	3,28	4,51	3,40
Goiânia	3,57	3,27	4,04	3,39
João Pessoa	3,52	2,88	4,23	3,45

Legenda:
Detalhamento dos índices das capitais que apresentam o maior equilíbrio sistêmico. Os resultados permitem identificar as vocações específicas de cada capital nos eixos Econômico-Empresarial, Sociocultural e Ambiental de acordo com o modelo INDEI.





PARTE 5

**CAMINHOS
PARA O AMANHÃ**



CAPÍTULO 9

Insights e aprendizados: a ciência por trás dos dados

A análise do INDEI revela **um Brasil de múltiplas realidades e vocações**. Os resultados sugerem que a **busca pela prosperidade** não pode mais seguir uma monocultura de soluções: replicar modelos estrangeiros sem adaptações críticas ignora a potência das tecnologias locais. O INDEI não é apenas um diagnóstico; é uma plataforma de compromisso. Os dados exigem uma transição: o abandono de fórmulas genéricas em favor de **diretrizes estruturantes que coloquem a viabilidade econômica, a justiça social e a regeneração ecológica** no centro de cada decisão política e empresarial.

1. A Riqueza nem sempre irriga a Prosperidade

Ao analisarmos a relação entre o INDEI e o PIB per capita, encontramos coeficientes de correlação moderadamente baixos (0,37). Esse dado é fundamental para indicar que **a riqueza bruta de um município não é um preditor direto da prosperidade do seu ecossistema de impacto**.

Os resultados sugerem a existência de uma armadilha da extração: **volumes massivos de capital podem circular em polos industriais sem fortalecer a conectividade empresarial ou a resiliência ambiental do território**. Em contrapartida, a correlação com o IDH (0,50) é mais nítida, sugerindo que o INDEI funciona como uma biometria do metabolismo do ecossistema, medindo se o capital humano existente encontra a infraestrutura necessária para se converter em impacto real.

TABELA 9

Correlação do INDEI com IDH e PIB per capita

PAR DE INDICADORES	CORRELAÇÃO DE PEARSON	CORRELAÇÃO DE SPEARMAN
INDEI X IDH	0,5009	0,5498
INDEI X PIB per capita	0,3729	0,4388

2. A escala demográfica ideal

Os dados revelam que a prosperidade não cresce de forma linear com o tamanho da cidade. Observamos uma escala demográfica ideal em **municípios que possuem entre 300 mil e 1 milhão de habitantes**.

Nesta faixa, a massa crítica para a inovação encontra uma complexidade de gestão controlável. Diferente das grandes metrópoles que enfrentam as **deseconomias de aglomeração — dinâmica na qual a fragmentação geográfica dificulta a conexão real entre os atores** —, cidades médias líderes como **Florianópolis** e **Vitória** demonstram que a **proximidade física e sociológica acelera a confiança e as transações de impacto**.

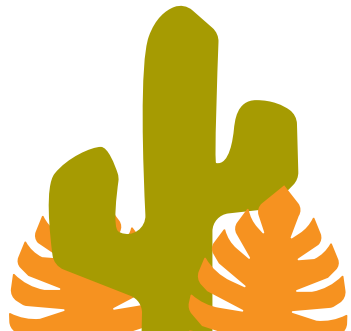
3. Planejamento que perdura

Ecossistemas prósperos são fruto de **planos de longo prazo que sobrevivem a ciclos eleitorais**. A análise demonstra que municípios que operam sob Planos Diretores resilientes apresentam **notas de equilíbrio superiores à média nacional**.

A resiliência ambiental surge aqui como o principal filtro de viabilidade de futuro. **Municípios que negligenciam o saneamento básico (ODS 6) enfrentam um teto que impede o desenvolvimento humano**. De acordo com a OMS, o retorno sobre o investimento em saneamento é de 4 para 1 em termos de economia no sistema de saúde — uma dinâmica na qual a infraestrutura invisível determina a viabilidade da vida econômica e social.

4. Governança colaborativa e a cidade do cuidado

A prosperidade sistêmica está conectada à Quádrupla Hélice: **a união entre Governo, Academia, Setor Privado e Sociedade Civil**. Cidades de destaque demonstram que a **institucionalização de pactos de inovação é o fator diferencial para manter o equilíbrio entre os eixos**. Esta governança manifesta-se no urbanismo através da Cidade do Cuidado: ao priorizar a escala humana e Soluções Baseadas na Natureza (SBN), o município reduz a fricção urbana e aumenta a vitalidade econômica local.





CAPÍTULO 10

Conclusão: o próximo salto da prosperidade

O INDEI oferece mais do que números; entrega um roteiro de ação. Se o PIB indica quanto o Brasil produziu e o IDH revela como o brasileiro vive, o INDEI diagnostica se o território possui o sistema circulatório necessário para sustentar um futuro próspero.

Como transformar os dados em política pública?

Se a riqueza e o desenvolvimento humano não explicam sozinhos o sucesso de um ecossistema, as políticas públicas devem migrar da “cultura do betão” para a “cultura da orquestração”. Melhorar a nota no INDEI exige que o gestor público atue como um facilitador de conexões, criando marcos regulatórios que incentivem a inovação aberta, compras públicas sustentáveis e o fortalecimento das redes de Organizações da Sociedade Civil (OSCs).

O papel dos estados e governadores

A constatação de que **o valor estratégico reside na inteligência de rede** é um chamado direto aos governadores. O **papel do Estado** não é apenas transferir recursos, mas **atuar como o grande garantidor da escala e da integração**. Para estados e governos, um Plano de Governo focado em impacto deve prever:

- **Fomento Regionalizado:** Estimular as cidades médias de escala ideal a servirem de âncoras para o desenvolvimento das regiões vizinhas.
- **Trabalho em Equipe:** Integrar prefeituras em consórcios de impacto que partilhem soluções de governança e gestão ambiental. O trabalho em rede entre estados e municípios é o que permite transpor o abismo entre o potencial e o resultado.
- **Segurança para o Investidor:** Transformar a resiliência ambiental em ativo econômico, garantindo que o saneamento e a segurança hídrica sejam infraestruturas críticas para atrair capital.



Novas fronteiras: o amanhã da prosperidade

Para superar a dependência de commodities de baixo valor, o Brasil deve abraçar a Sociobioeconomia de Floresta em Pé. A prosperidade de ecossistemas em biomas sensíveis depende da **transformação produtiva local**, fazendo da biodiversidade uma plataforma industrial tecnológica.

Paralelamente, o **sucesso das moedas sociais indica que a soberania financeira local é o grande catalisador para evitar o “vazamento” de capital**. Ao fazer o dinheiro circular mais vezes dentro do próprio território, o ecossistema fortalece a geração de riqueza na base da pirâmide e protege a sua autonomia.

A prosperidade sistêmica não é um destino final, mas uma jornada de intencionalidade. O INDEI é o espelho que nos permite ver o caminho. A coragem política e a colaboração empresarial são os motores que nos levarão até lá.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Atlas Brasil. [Brasília]: PNUD; Ipea; FJP, [2026]. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/>. Acesso em: 3 fev. 2026.

BRASIL. Controladoria-Geral da União. Portal Brasileiro de Dados Abertos. Brasília, [2025]. Disponível em: <https://dados.gov.br/home>. Acesso em: 3 fev. 2026.

BRASIL SEM POBREZA. Painel de Indicadores Multidimensionais da Pobreza. [S. l.], 2026. Disponível em: <https://brasilempobreza.com.br/painel-de-indicadores-pobreza/>. Acesso em: 3 fev. 2026.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (ENAP). Índice de Cidades Empreendedoras (ICE) 2023: ranking. Brasília: Enap, 2023. Disponível em: <https://ice.enap.gov.br/ranking>. Acesso em: 3 fev. 2026.

GRANSTRAND, Ove; HOLGERSSON, Marcus. Innovation ecosystems: A conceptual review and a new definition. *Technovation*, v. 90, p. 102098, 2020.

IMPACT HUB. Ecossistemas de emprendimiento de impacto. [S. l.]: Impact Hub, [2020]. Disponível em: <https://ecosistemas.theimpacthub.com/#metodologia>. Acesso em: 3 fev. 2026.

INSTITUTO AMAZÔNIA 4.0. Relatório de atividades 2023. Manaus, mar. 2024. Responsável: Barbara Ferreira. Disponível em: https://amazonia4.org/wp-content/uploads/Relatorio-de-Atividades_AMZ40_2023.pdf. Acesso em: 13 fev. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Panorama. Rio de Janeiro, [2025]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/orleans/panorama>. Acesso em: 3 fev. 2026.

INSTITUTO CIDADES SUSTENTÁVEIS. Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades – Brasil (IDSC-BR): rankings. São Paulo: Instituto Cidades Sustentáveis, [2025]. Disponível em: <https://idsc.cidadessustentaveis.org.br/rankings/>. Acesso em: 3 fev. 2026.

IPS BRASIL. Índice de Progresso Social Brasil. [S. l.], [2025]. Disponível em: <https://ipsbrasil.org.br/pt>. Acesso em: 3 fev. 2026.

RECIFE. Prefeitura Municipal. Estudo mostra que áreas de redesenho urbano reduziram em 37,7% o índice de sinistros de trânsito com vítimas no Recife. Recife, 8 nov. 2024. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/08/11/2024/estudo-mostra-que-areas-de-redesenho-urbano-reduziram-em-377-o-indice-de>. Acesso em: 3 fev. 2026.

RIGO, Ariádne Scalfoni; FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Bancos comunitários e moedas sociais no Brasil: reflexões a partir da noção de economia substantiva. Salvador: EDUFBA, 2017. 165 p. (Coleção E-Livro).

RODRIGUES, J.; RIBEIRO, L. C. de Q. Distribuição da população brasileira segundo o Censo 2022: desmistificando o esvaziamento das metrópoles. Observatório das Metrópoles, 6 jul. 2023. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/distribuicao-da-populacao-brasileira-segundo-o-o-censo-2022-desmistificando-o-esvaziamento-das-metropoles/>. Acesso em: 13 fev. 2026.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). Ecossistemas Locais de Inovação (ELI). Brasília, [2025]. Disponível em: <https://www.sebrae-eli.com.br/>. Acesso em: 3 fev. 2026.

WELLE, Ben et al. O desenho de cidades seguras: diretrizes e exemplos para promover a segurança viária a partir do desenho urbano. Porto Alegre: WRI Brasil Cidades Sustentáveis, 2015. Disponível em: <https://www.wribrasil.org.br/sites/default/files/O-Desenho-de-Cidades-Seguras.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2026.



PARTE 6

SUORTE TÉCNICO E METODOLÓGICO



CAPÍTULO 11

FAQ: perguntas frequentes

Esta seção reúne as principais dúvidas sobre o INDEI, sua metodologia e a aplicação prática dos seus resultados para diferentes perfis de liderança.

Sobre o índice e sua metodologia

O que é o INDEI?

O INDEI é um índice concebido para medir a prosperidade dos ecossistemas de impacto nos municípios e Unidades Federativas do Brasil. Diferente de índices puramente financeiros, ele equilibra a performance econômica com a resiliência ambiental e o bem-estar sociocultural. É uma ferramenta sistêmica que estuda a “ecologia” das relações que geram impacto no território.

Quais são os pilares de avaliação?

O índice é estruturado em três eixos fundamentais:

- **Eixo Econômico-Empresarial:** Avalia a conectividade entre empresas, agilidade de negócios, infraestrutura logística e inovação.
- **Eixo Sociocultural:** Mede o capital social, coesão, educação, saúde e qualidade de vida.
- **Eixo Ambiental:** Analisa a resiliência urbana, gestão de recursos, saneamento e transição energética.

Como são calculadas as notas?

As notas variam de 0 a 10. Os dados são normalizados para que o ecossistema com maior valor em cada indicador receba a nota 10. A pontuação final reflete a média de todos os indicadores.

Exemplo: Uma nota 5 indica que o ecossistema está, na média, na metade do valor máximo observado no país para aquele quesito.

Qual a diferença entre o INDEI e o IDH?

Enquanto o IDH foca em resultados de longo prazo no indivíduo (longevidade e escolaridade), o INDEI é uma biometria do metabolismo do ecossistema. Ele inclui variáveis dinâmicas de conectividade empresarial, inovação tecnológica e resiliência climática, oferecendo uma visão alinhada às “Novas Economias”.

De onde provêm os dados?

Apenas de fontes secundárias oficiais e públicas, como IBGE, Ministérios (Economia, Educação, Saúde, Meio Ambiente) e órgãos de controle, garantindo a auditabilidade do estudo.

O INDEI avalia todos os municípios brasileiros?

A base de cálculo utiliza uma amostra de 319 cidades com população acima de 100 mil habitantes (Censo 2022). Este recorte assegura a disponibilidade e a confiabilidade dos dados para comparações nacionais, cobrindo capitais, regiões metropolitanas e polos regionais do interior.

Sobre os resultados do índice

O que significa uma variação percentual negativa em relação à média nacional?

Não significa necessariamente um retrocesso absoluto, mas indica que o desempenho do ecossistema naquele eixo está abaixo da média das outras Unidades Federativas. Sinaliza um vácuo de políticas públicas ou uma oportunidade de aprimoramento em relação aos líderes do panorama.

É possível um estado ter um PIB alto e uma nota INDEI baixa?

Sim. O INDEI não mede o volume bruto de riqueza, mas a eficiência do ecossistema em converter essa riqueza em bem-estar social e preservação ambiental. Estados ricos com alta desigualdade ou passivos ambientais severos tendem a apresentar notas finais mais modestas.

Como a escala de análise afeta a precisão?

A precisão é inversamente proporcional ao nível de agregação. Confira a lógica abaixo:

NÍVEL DE ANÁLISE	CARACTERÍSTICA DA PRECISÃO
Municipal	Máxima precisão; reflete os indicadores diretos da localidade.
Estadual	Média precisão; é uma média das cidades acima de 100k habitantes daquela UF.
Regional	Visão de tendência; suaviza as disparidades locais para mostrar o comportamento do bloco.

Sobre as aplicações do índice

Como os gestores públicos e investidores podem utilizar o INDEI?

- Gestores Públicos: Como um “Raio-X” estratégico para identificar gargalos. Se a nota econômica é alta, mas a ambiental é baixa, o índice sinaliza que o crescimento pode ser insustentável, orientando a alocação de recursos.
- Investidores Privados: Como ferramenta de análise de risco e oportunidade (ESG). Ecossistemas prósperos em resiliência ambiental e conectividade empresarial oferecem ambientes de negócios mais estáveis.
- Acadêmicos: Para fundamentar dossiês técnicos, teses e validar a eficiência de políticas públicas através de dados secundários robustos.

O INDEI auxilia na atração de fundos internacionais?

Sim. Organismos de fomento e fundos de impacto globais buscam estados e cidades que demonstrem evolução em frameworks como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). O INDEI fornece a evidência técnica necessária para priorizar esses destinos.





ANEXO TÉCNICO
**DICIONÁRIO DE
SUBGRUPOS DOS
INDICADORES**



Dicionário de subgrupos dos indicadores

O modelo do Índice de Ecossistemas de Impacto (INDEI) é composto por 63 indicadores distribuídos em **três eixos fundamentais**:

Econômico-Empresarial, Sociocultural e Ambiental.

Este anexo oferece um detalhamento dos subgrupos que compõem cada eixo, permitindo uma compreensão profunda das camadas que sustentam os resultados apresentados. Para informações pormenorizadas sobre cada indicador e os cálculos estatísticos, consulte o **Documento Metodológico completo** disponível no portal do Impact Hub Brasil.

Eixo econômico

Este eixo constitui o motor de dinamismo do ecossistema. Ele avalia a capacidade de um território de gerar atividade econômica como uma plataforma para a **prosperidade inclusiva**. Analisa a **densidade** e **conectividade do tecido empresarial**, a **fluidez do capital** e a **robustez do mercado de trabalho**, mensurando como essa estrutura se traduz em soluções para desafios socioambientais.

EC1 – Densidade econômico-empresarial

- **Propósito:** Aferir a vitalidade da atividade econômica local.
- **O que avalia:** A concentração de empresas (de MEIs a grandes empresas) em relação à população e a presença de atividades de alto valor agregado (inovação e pesquisa).
- **Relevância para o Impacto:** Um ambiente denso aumenta as chances de colaboração e formação de cadeias produtivas, gerando solo fértil para que iniciativas de impacto surjam e prosperem.

EC2 – Diversidade econômico-empresarial

- **Propósito:** Analisar a qualidade, variedade e inclusão do tecido empresarial.
- **O que avalia:** Se a economia local é resiliente, inovadora e equitativa. A heterogeneidade da economia e a presença de negócios de impacto e empresas inovadoras, incluindo a diversidade de gênero em cargos de liderança.
- **Relevância para o Impacto:** A diversidade amplia a resiliência a crises e indica a maturidade do setor privado em relação à governança equitativa e sustentabilidade.

EC3 – Conectividade empresarial

- **Propósito:** Mapear a infraestrutura institucional que atua como a “cola” do ecossistema..
- **O que avalia:** Ambientes de inovação (coworkings, incubadoras, polos tech) e a força do tecido associativo.
- **Relevância para o Impacto:** Permite que startups encontrem mentoria e que o conhecimento acadêmico chegue ao mercado para escalar soluções de impacto de forma colaborativa.

EC4 – Fluidez financeira

- **Propósito:** Medir o “sistema circulatório” do capital financeiro.
- **O que avalia:** Disponibilidade de recursos públicos e privados, fomento a áreas estratégicas e a capacidade de consumo das famílias.
- **Relevância para o Impacto:** Garante que empreendedores de impacto encontrem investimento para escalar soluções e que o poder público tenha recursos para apoiar o desenvolvimento local.

EC5 – Geração de riqueza

- **Propósito:** Focar nos resultados tangíveis do crescimento econômico real.
- **O que avalia:** O saldo líquido de criação de empresas e postos de trabalho, refletindo a resiliência do ambiente de negócios.
- **Relevância para o Impacto:** A geração sustentável de empregos é uma forma primária de impacto positivo e a base para a melhoria de todos os indicadores de bem-estar.

EC6 – Geração de economia de impacto

- **Propósito:** Identificar a consolidação de um paradigma econômico orientado por propósito.
- **O que avalia:** Crescimento da economia social e solidária, sobrevivência de empresas a longo prazo e adesão a práticas de responsabilidade socioambiental.
- **Relevância para o Impacto:** Responde se o crescimento está evoluindo para um modelo mais justo, resiliente e alinhado aos desafios do século XXI.

EC7 – Mercado de trabalho

- **Propósito:** Aplicar uma lente de equidade e inclusão sobre as oportunidades de emprego.
- **O que avalia:** Disparidades na inserção de grupos historicamente vulneráveis (jovens, mulheres, PCDs e imigrantes) e a oferta de trabalho decente.
- **Relevância para o Impacto:** Diagnostica se o crescimento econômico está reduzindo desigualdades ou aprofundando-as, sendo vital para promover a justiça social.

EC8 – Distribuição de riqueza

- **Propósito:** Avaliar como a riqueza gerada impacta efetivamente o padrão de vida da população.
- **O que avalia:** Responde à pergunta fundamental: “a quem serve a prosperidade do ecossistema? Combina o PIB per capita com métricas de desigualdade (índice de Gini) e o custo de vida local.
- **Relevância para o Impacto:** É o teste decisivo de um ecossistema. Um crescimento que não reduz a pobreza falha em seu propósito fundamental de gerar prosperidade compartilhada.

Eixo econômico

Representa a dimensão humana e o capital social, funcionando como o “software” que anima a estrutura econômica. Avalia as condições para o bem-estar e o florescimento da população, entendendo que cidadãos saudáveis, educados e engajados são os pilares da inovação social.

SOC1 – Densidade e infraestrutura cultural

- **Propósito:** Mensurar a espinha dorsal e a capilaridade do setor cultural.
- **O que avalia:** Força econômica da cultura (empregos e salários), infraestrutura física (museus e instituições) e eficácia de leis de incentivo.
- **Relevância para o Impacto:** Cria espaços simbólicos essenciais para a coesão social e o fortalecimento da identidade local, atraindo e retendo talentos.

SOC2 – Densidade de talento

- **Propósito:** Aferir a qualidade do capital humano, principal ativo para o desenvolvimento.
- **O que avalia:** Trajetória educacional, escolaridade básica, eficiência do ensino superior e qualificação do corpo docente.
- **Relevância para o Impacto:** É o combustível da inovação social. Populações qualificadas possuem maior capacidade de gerar soluções criativas para problemas complexos.

SOC3 – Diversidade e conectividade cultural

- **Propósito:** Medir o grau de inclusão, acesso à informação e abertura do sistema.
- **O que avalia:** Acesso a tecnologias digitais (internet e telefonia) integrado a dimensões de igualdade e diversidade social.
- **Relevância para o Impacto:** A inclusão digital reduz assimetrias, enquanto a diversidade fomenta a inovação ao trazer múltiplas perspectivas para a resolução de problemas.

SOC4 – Fluidez de gasto

- **Propósito:** Quantificar o fluxo de recursos que oxigenam o setor cultural.
- **O que avalia:** Execução de orçamentos públicos, captação via leis de incentivo e habilidade institucional em executar projetos culturais.
- **Relevância para o Impacto:** A disponibilidade de recursos permite que a criatividade se transforme em projetos sustentáveis, sinalizando um ambiente favorável à economia criativa.

SOC5 – Atividade / passividade cultural

- **Propósito:** Medir o nível de engajamento cívico e participação ativa na vida comunitária. O foco é avaliar
- **O que avalia:** O comportamento da população, distinguindo uma postura ativa de uma mais passiva. Comparecimento a eventos culturais e engajamento em processos cívicos (eleições), revelando o dinamismo da esfera pública.
- **Relevância para o Impacto:** A participação ativa é sintoma de uma rede social forte. Populações engajadas são mais propensas a se mobilizar por causas coletivas.

SOC6 – Qualidade / Alegria de vida

- **Propósito:** Capturar uma visão holística do bem-estar e da dignidade humana no território.
- **O que avalia:** Segurança pessoal, justiça social, saneamento básico e longevidade, além do acesso à fruição cultural cotidiana.
- **Relevância para o Impacto:** É, simultaneamente, o objetivo final de qualquer iniciativa de impacto e um insumo para manter talentos no território.

SOC7 – Vida saudável

- **Propósito:** Realizar um diagnóstico abrangente da saúde e da capacidade de resposta do sistema local.
- **O que avalia:** Determinantes sociais (ausência de fome), comportamentos (dieta e exercícios) e estrutura de saúde (densidade de médicos)
- **Relevância para o Impacto:** A saúde é a base para o desenvolvimento humano. Uma população saudável está mais apta a participar ativamente na construção do ecossistema.

Eixo Ambiental

Ancora o índice na premissa de que não há prosperidade duradoura sem sustentabilidade ecológica. Avalia a relação entre atividade humana e o meio ambiente, mensurando pressões e respostas em direção à regeneração e conservação.

MED1 – Densidade economia rural

- **Propósito:** Estabelecer o panorama da ocupação do solo e a importância do modo de vida rural.
- **O que avalia:** Extensão de atividades agrícolas e florestais e a distribuição da população entre zonas rurais e urbanas.
- **Relevância para o Impacto:** Essencial para entender as pressões sobre ecossistemas e desenvolver estratégias de agricultura sustentável e conservação da biodiversidade..

MED2 – Economia ambiental

- **Propósito:** Medir a força da “economia verde” e do compromisso empresarial com a sustentabilidade.
- **O que avalia:** Presença de agricultura orgânica, cadeias de reciclagem e adesão a sistemas de gestão ambiental e pegada de carbono.
- **Relevância para o Impacto:** Demonstra se a sustentabilidade deixou de ser nicho para se tornar um setor viável, sinalizando uma transição econômica real.

MED3 – Mobilidade ecológica / conectividade rural

- **Propósito:** Avaliar padrões de deslocamento e a força do capital social voltado à causa ambiental.
- **O que avalia:** Dependência de transporte sustentável vs. motorizado individual, e a vitalidade de associações de produtores e ONGs ambientais.
- **Relevância para o Impacto:** A redução de emissões e a organização da sociedade civil são vitais para a resiliência climática do ecossistema.

MED4 – Consumo responsável

- **Propósito:** Monitorar o investimento na transição energética e a “pegada ecológica” da sociedade.
- **O que avalia:** Investimentos concretos da indústria em proteção ambiental, o avanço da matriz energética em direção a fontes renováveis, surgimento de novos modelos econômicos, consumo de recursos-chave e a geração de externalidades negativas.
- **Relevância para o Impacto:** A regeneração do planeta depende da mudança de comportamento. Este subgrupo avalia se a consciência ambiental se traduz em ações concretas.

MED5 – Qualidade do ambiente rural e urbano

- **Propósito:** Realizar um diagnóstico direto da saúde dos ecossistemas e da qualidade dos espaços onde as pessoas vivem.
- **O que avalia:** Indicadores de estado ambiental (qualidade do ar e proteção da biodiversidade) e o acesso universal a serviços básicos como água potável, saneamento e energia limpa.
- **Relevância para o Impacto:** É o resultado final da prosperidade em harmonia com a natureza. Um ambiente saudável garante a viabilidade econômica e o bem-estar das futuras gerações.

